

A RAZÃO DE SER DE ALEJO CARPENTIER

WALTER CARLOS COSTA (LLE-MEN, UFSC)

A ruptura de relações diplomáticas com Cuba decidida pelo governo militar brasileiro em 1964, sob pressão norte-americana - e que, estranhamente, persiste - causou prejuízos para as relações culturais entre a Ilha revolucionária e o Brasil. O fato é tanto mais lamentável quando se sabe que, apesar da distância, a cultura

cubana tem inúmeros pontos de contato com a cultura brasileira, mais, em todo caso, que muitos dos nossos vizinhos de língua castelhana. As semelhanças se situam a nível profundo, como uma formação social análoga, com uma forte presença da cultura africana. Cuba tem sido também um país de intelectuais ao mesmo tempo cosmopolitas e

Fragmentos; n. DLLE/UFSC, Florianópolis, Nº 1, 302-305, Jan./Jun. 1986

independentes em relação ao modelo europeu, o que se manifesta na elaboração de obras com um perfil nacional bem delineado mas dentro de um enfoque universal.

Um dos intelectuais cubanos mais consequentemente internacionalistas (seguindo uma tradição que remonta a José Martí) foi Alejo Carpentier. Sua obra e sua vida se enquadram dentro de um projeto cultural latino-americano. Em sua obra não é apenas Cuba que é retratada mas o complexo mundo multicultural do Caribe. Por outro lado, Carpentier passou grande parte de sua vida no exterior, exilado ou como embaixador de seu país em Paris. Na Venezuela Carpentier construiu verdadeiramente sua obra, onde escreveu grande parte de seus livros mais significativos: El reino de este mundo, Los pasos perdidos, El acaso e El siglo de las luces. Foi em Caracas i

gualmente que Carpentier desenvolveu um trabalho cultural-pedagógico da maior importância: durante dez anos publicou no jornal El Nacional uma coluna diária, "Letra y Solfa", onde comentava literatura e música. Bons tempos aqueles em que se podia ler grandes escritores nos jornais! Ainda na Venezuela - onde permaneceu de 1945 a 1959, ano do triunfo da revolução cubana - Carpentier se dedicou a dar conferências e a organizar os programas culturais de uma televisão que dava seus primeiros passos.

Razón de ser é o resultado de uma série de palestras proferidas por Alejo Carpentier em maio de 1975 na Universidad Central de Venezuela, em Caracas. Nessas palestras Carpentier aborda alguns pontos que sempre estiveram no centro de suas preocupações como a "consciência e identidade da América", "o barroco e o real

maravilhoso" e a "problemática do tempo e da língua no moderno romance latino-americano".

Carpentier, de origem e formação francesas, insiste muito na importância do conhecimento da tradição latino-americana: "el hombre-ciudad -siglo-XX, el hombre nascido, crecido, formado en nuestras proliferantes ciudades de concreto armado, ciudades de América Latina, tiene el deber ineludible de conocer a sus clásicos americanos, de leerlos, de meditarlos, para hablar sus raíces (...)" (p.23).

Carpentier pertence à aquela boa linhagem de escritores que estendeu seu campo de interesse a outras formas artísticas, como a pintura e a música (ele foi autor da primeira história da música cubana). Na conferência "Un camino de medio siglo", em que ele comenta sua própria trajetória intelectual, há um longo tre-

cho referente a Villa-Lobos, que ele denomina "el más grande compositor que América Latina haya producido sin discusión alguna, hasta ahora." E conta como conheceu o nosso compositor em Paris: "Era un truculento latino-americano inventivo, mentiroso, imaginativo, lleno de fantasías. Nos hacía creer que se llamaba el "Dragón del Brasil", y un día que entramos en la habitación resultó que era un camaleón em balsamado. (...) Villa-Lobos vivía en París como un gran señor latinoamericano, gran señor, quiero decir, de la inteligencia, en un pequeño apartamento modesto, pero donde el señor Villa-Lobos "recibía", para comer "feijoada" y comer platos brasileños todos los domingos, a los grandes compositores franceses." (p.42)

Na conferência, "Lo Barroco y lo real maravilloso", podemos ver toda a força e a

abertura de Carpentier que, mesmo sendo um escritor oficial de um país socialista, tem a coragem de afirmar: "Cada vez que oigo hablar de arte "decadente" me pongo en un estado de furia sorda" (p.55). Mas é nesta conferência onde vemos claramente as limitações estéticas do autor de El siglo de las luces que "condena" praticamente a América Latina a ter no barroco seu meio de expressão por excelência.

Esperemos que o contato, finalmente retomado nos últimos meses, dos brasileiros com a cultura cubana nos permita acompanhar a produção literária e artística de Cuba que sempre pode revelar boas e enriquecedoras surpresas.